

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de recebimento da Tocha Pan-Americana 2007**

Palácio do Planalto, 11 de junho de 2007

Excelentíssimo senhor José Alencar, vice-presidente da República,
Excelentíssimo senador Renan Calheiros, presidente do Senado,
Senhoras e senhores embaixadores acreditados junto ao meu governo,
Meu caro José Roberto Arruda, governador do Distrito Federal,
Meu caro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,
Meu companheiro Orlando Silva, ministro do Esporte,
Companheira Marta Suplicy, ministra do Turismo,
Meu caro Carlos Artur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico
Brasileiro,

Ministros aqui presentes, Dilma Rousseff, da Casa Civil; Tarso Genro, da
Justiça; Waldir Pires, da Defesa; Ronaldo Lessa, ministro interino do Trabalho
e Emprego; Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome;
Nelson José Hubner, interino de Minas e Energia, uma interinidade longa essa
do Nelson; Sérgio Machado Resende, ministro da Ciência e Tecnologia; Jorge
Armando Felix, ministro do Gabinete de Segurança Institucional; Walfrido dos
Mares Guia, da Secretaria de Relações Institucionais; Franklin Martins, da
Secretaria de Comunicação Social; Nilcéa Freire, da Secretaria Especial de
Políticas para as Mulheres; Altemir Gregolin, da Secretaria Especial de
Aquicultura e Pesca; Maria do Carmo Ferreira da Silva, interina da Secretaria
Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial, e o companheiro
Pedro Brito do Nascimento, da Secretaria Especial dos Portos,

Senadora Ideli Salvatti e senador Romero Jucá,

Deputados federais José Rocha e Osório Adriano,

Nossa querida Sandra Pires e nosso querido Gustavo Borges, primeiros
condutores da Tocha Pan-Americana, por meio de quem quero cumprimentar
todos os atletas,

Meus amigos e minhas amigas,

A única certeza de um discurso sucinto é a leitura do que está escrito, porque no improviso eu não posso falar, pois aqui está cheio de embaixadores dos países que vão competir conosco e se eu falar de improviso e disser alguma tática dos atletas brasileiros, eles estão como olheiros dos seus países e poderão se preparar para nos enfrentar. Então, eu vou obedecer ao meu ritual.

Muitos aqui devem se lembrar de um trecho do samba-enredo da Portela, cantado no carnaval deste ano, e que teve o Pan como tema. Dizia a letra:

“O homem lutou por fronteiras /
Por seus interesses, religiões... /
Hoje derruba barreiras/
Desfaz preconceitos, juntando nações /
Esporte é vida /
É beleza e emoção /
É esperança, amizade, inspiração... /

Se eu não tivesse a voz desafinada, eu teria cantado. Eu pensei que o Orlando ia cantar e ele não cantou, porque de Orlando Silva ele só tem o nome, ele poderia cantar uma modinha aqui para mostrar que ele é bom.

É exatamente isso o que estamos fazendo simbolicamente, aqui, hoje: quebrando barreiras, juntando nações, desfazendo preconceitos por meio do esporte. Desde 4 de junho, quando chegou a Cabralia, na Bahia, a Tocha dos Jogos Pan-Americanos já cumpriu uma pequena parte do roteiro que fará por todo o País: passou por Goiânia, Ouro Preto, Belo Horizonte, Vitória, Salvador, Canindé de São Francisco e Aracajú. Daqui vai para Recife e Olinda, num total de 51 localidades, passando por todas as capitais até chegar ao Rio de Janeiro, no dia 13 de julho. E vocês sabem que cada uma dessas cidades brasileiras homenageia um país participante dos jogos. O país que corresponde a Brasília é o nosso irmão México, que eu espero que não leve tantas medalhas na disputa com o Brasil.

A Tocha está sendo levada por 3 mil pessoas de suas respectivas comunidades, aproximando efetivamente a população local dos Jogos Pan-Americanos e dos Jogos Parapan-Americanos, numa demonstração de que esses eventos pertencem a todos os brasileiros e a todos os que moram no

nosso continente.

Tenho certeza de que, por onde passar, esta tocha vai mobilizar as populações locais, principalmente a juventude, fazendo-a sentir ainda mais a importância do esporte e do conagraçamento entre os povos. Atravessando o território de Norte a Sul, de Leste a Oeste, sua chama lançará mais luz sobre o presente e o futuro do Brasil, despertando consciências e fortalecendo a identidade nacional e a diversidade cultural do nosso povo.

Meus amigos e minhas amigas,

O Brasil vai receber de braços abertos e sentimento fraternal os milhares de atletas dos 41 países participantes dos Jogos Pan-Americanos e, depois, em agosto, os que vão atuar nos Jogos Parapan-Americanos.

Fizemos, governos e sociedade, um enorme esforço para capacitar o Brasil, e, em especial, o estado do Rio de Janeiro, a sediar os Jogos Pan-Americanos. Trata-se, como vocês sabem, de um grande projeto com investimentos do governo estadual, investimentos do governo municipal, investimentos do governo federal que, no final das contas, deve chegar a mais de 2 bilhões e meio, quem sabe um pouco mais. Tem muita gente que acha caro. Só o estádio de Wembley, custou por volta de 1 bilhão e 800 milhões de dólares. Aqui, um bilhão e 800 milhões de reais em equipamentos, infraestrutura, sistemas de segurança, edifícios e complexos esportivos. Mas é muito mais do que isso, e aí, Sérgio Cabral, o estado do Rio de Janeiro vai ter o que merece. Mas é muito mais do que isso, porque quando os Jogos Pan-Americanos terminarem, eles deixarão dois importantes legados para o nosso País. Um legado é o material. Além da infra-estrutura construída, serão doados 3,8 mil computadores para os programas de inclusão digital e 1,2 mil ao sistema de segurança do Rio de Janeiro. Mil viaturas serão incorporadas à frota policial, além de 27 aeronaves, entre helicópteros, aviões e motoplanadores. Sem falar dos aparelhos de comunicação da polícia que serão trocados pelos novos, de tecnologia digital. Promessa. Vamos ver se o Luiz Fernando vai cumprir e vai ficar tudo lá.

O outro legado é imaterial. Ele se traduz em maior inclusão social, no fortalecimento da auto-estima de nossos irmãos do Rio de Janeiro e na afirmação pessoal de milhares de jovens de 149 comunidades, muitos dos quais vivem em situação de risco no entorno da Vila do Pan.

Há também a perspectiva que se abre para os quase 10 mil guias cívicos que, com certeza, terão muito mais chances de conseguir emprego após a formação e a experiência adquiridas durante os Jogos. Alguns deles, inclusive, estão aqui em Brasília, distribuindo material informativo a respeito da chegada da Tocha e dos Jogos Pan-Americanos.

Assim como os atletas brasileiros que disputaram e venceram Olimpíadas e Jogos Pan-Americanos, alguns participantes de programas sociais também se revezarão na condução da Tocha. Quatro deles integram o programa “Segundo Tempo”, que atende milhares de estudantes de 7 a 17 anos em todo o País, oferecendo atividades esportivas e de cultura e lazer no período em que os alunos não estão nas salas de aula. Cinco praticam atividades esportivas de alto rendimento no Núcleo de Esporte de Base que o Ministério do Esporte desenvolve com clubes e entidades comunitárias. Quatro recebem o Bolsa-A atleta, que é outro programa do Ministério do Esporte voltado a apoiar atletas que, sem isso, não teriam condições econômicas para se dedicar aos treinos. E dois participam do “Vida Saudável”, que é destinado à chamada melhor idade.

Tenho certeza de que todas essas pessoas envolvidas na realização do Pan saberão repartir o que conseguirem aprender e tentarão se transformar em agentes multiplicadores da convivência cidadã em suas respectivas comunidades. Minha esperança é que terão descoberto, com essa oportunidade, a importância do esporte, do civismo e da solidariedade para as suas vidas e de toda a coletividade.

No dia 29 de julho, quando terminam os Jogos Pan-Americanos, e no dia 19 de agosto, ao final dos Jogos Parapan-Americanos, o Brasil terá mostrado ao mundo que temos condições de realizar no nosso País eventos de qualquer dimensão internacional. E o Pan, com certeza, nos credenciou ainda mais para isso. Enfrentamos os desafios e cumprimos com nossas responsabilidades, trabalhando juntos com imaginação criadora e absoluta dedicação.

Meus amigos e minhas amigas,

Um improvizozinho aqui, senão não tem graça só ler.

Meu caro Nuzman, meu caro Sérgio Cabral, meu caro ministro Orlando, meus queridos companheiros atletas que vão participar desse grande evento esportivo no Brasil, embaixadores, convidados para este ato,

Eu penso que a realização dos Jogos Pan-Americanos no Brasil, no mês de julho, e a realização da Copa América, na Venezuela, no mês de junho, são uma pequena preparação para que a gente possa demonstrar que a América do Sul e a América Latina não podem continuar a ser tratadas eternamente como se fossem, pura e simplesmente, países de Terceiro Mundo, sem nenhuma condição de realizar eventos como este.

Agora mesmo, estamos pleiteando realizar a Copa do Mundo em 2014. Eu sei que o Brasil está sozinho nessa disputa, eu sei que o Brasil tem todas as chances de ganhar. Agora, eu não consigo entender, depois de 50, ou melhor, depois de 64 anos é que o Brasil vai voltar a ter condições de fazer uma Copa do Mundo, numa demonstração de que na década de 50 me parece que o mundo era mais igual a nós e, agora, me parece que o mundo se diferenciou um pouco. E nós temos poucas chances de disputar uma Olimpíada porque nas condições que sempre nos impõem, parece que os países mais pobres não têm direito.

Quando nós conquistamos o direito de fazer os Jogos Pan-Americanos aqui – na época o ministro era o companheiro Agnelo – eu tive uma conversa com o Nuzman, e o Bernardo estava presente quando eu disse que nós iríamos fazer o esforço que fosse necessário para que todos os atletas, para que todos os jornalistas, para que todas as pessoas que freqüentarem a Vila do Pan saiam daqui para os seus países convencidos de que o Brasil tem condições de realizar uma Olimpíada. E nós vamos continuar disputando.

De vez em quando alegam que aqui no Brasil tem muita violência, como se não tivesse no restante do mundo. Nós vamos montar, para o Rio de Janeiro – e está aqui o nosso Secretário Nacional de Segurança Pública – talvez o mais moderno e o mais perfeito sistema de segurança que este País já conheceu. O que é mais importante é que se ele funcionar, como nós pensamos que vai funcionar, com alta tecnologia de inteligência e de segurança, nós, meu caro ministro Tarso Genro, precisamos começar a nos preocupar, porque se todo o esquema de segurança der certo para o Pan, significa que o Paulo Bernardo vai ter que começar a colocar no Orçamento um dinheirinho a mais, porque a gente vai ter que fazer para outros estados, mesmo que não tenha Pan.

E o mais importante é que parte de tudo que vai ser utilizado para a

segurança dos Jogos Pan-Americanos ficará no Rio de Janeiro, e junto com os equipamentos ficarão 11 mil jovens que foram treinados, que foram preparados, que vão ganhar um dinheirinho agora no Pan, que aprenderam a falar um pouquinho de espanhol, que tiveram iniciação em inglês e que vão ter a primeira oportunidade. E são esses que podem nos ajudar, Luiz Fernando, a dar exemplo de que valeu a pena não apenas investir no Pan para garantir que os nossos atletas tenham condições de uma boa participação, mas valeu a pena, sobretudo, acreditar no Rio de Janeiro e no povo do Rio de Janeiro. Sobretudo, valeu a pena dizer para aquela juventude que nós estamos preocupados com eles e que nós queremos cuidar deles.

Essa harmonia que está interagindo até agora entre governos e sociedade civil, através dessa organização, se nós tivermos competência de mantê-la depois do Pan, eu acho que muito mais do que ganhar uma medalha, nós estaremos ganhando uma lição de vida, de preços incomensuráveis, porque encontramos o caminho para dar chance àqueles que nunca tiveram.

A você, meu caro Nuzman, eu só espero que o time brasileiro esteja bem-preparado, porque os nossos atletas... para o Gustavo é fácil porque, como ele é grandão, se for nadar comigo, ele pula e já alcança o outro lado da piscina. Eu, com esses bracinhos curtos, vou ter que dar 50 braçadas e já perdi a parada. Mas nós vamos enfrentar gente que vem preparada de outros países, e todo mundo vem com sede de ouro, todo mundo vem com sede de levar medalha. Cabe a vocês agora, cabe a você, meu caro, tentar deixar um pouquinho de medalha aqui para nós, porque nós também somos filhos de Deus.

Que Deus abençoe os nossos atletas. Eu tenho cobrado do Orlando e disse hoje para ele, daqui para a frente tem que ter operação pente-fino, Sérgio Cabral, cada obra, cada coisa tem que estar pronta. A gente não pode deixar para testar no dia em que for começar o Pan. Pelo menos 20 ou 30 dias antes, a gente tem que ver se está tudo funcionando para que o Pan-Americano seja um cartão postal, para que o mundo inteiro saiba que nós estamos preparados para o Pan, para a Copa do Mundo e para as Olimpíadas, se Deus quiser.

Muito obrigado, e boa sorte a todos nós.